



## COLLOQUIUM

REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE TEOLOGIA

ISSN: 2448-2722

### O PARADOXO ABSOLUTO DE SØREN KIERKEGAARD

#### Søren Kierkegaard's absolute paradox

Michel Platinir Silva Damasceno\*

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0529683654296908>

 <https://doi.org/10.58882/cllq.v7i2.147>

**RESUMO:** No pensamento kierkegaardiano, o paradoxo absoluto é um dos conceitos mais importantes no desenvolvimento do seu corpo teórico, como será o alicerce das críticas a um tipo de "hegelianismo" cristão, que instrumentalizou a fé cristã pelo viés da objetividade positiva dos dogmas e das doutrinas tradicionais luteranas, não sobrando espaço para a subjetividade do indivíduo, nem para sua relação com o paradoxo absoluto por meio da fé.

**Palavras-chave:** Paradoxo; Cristianismo; Religião; Ética; Moral.

**ABSTRACT:** In this article we will list a conceptual approach between the philosophers/theologians, Soren Kierkegaard and Karl Barth. In Kierkegaardian thought, the absolute paradox is one of the most important concepts in the development of his theoretical body, as it will be the foundation of criticism of a type of Christian "Hegelianism", which instrumentalized the Christian faith through the bias of the positive objectivity of dogmas and doctrines traditional Lutheran churches, leaving no room for the subjectivity of the individual, nor for his relationship with the absolute paradox through faith.

**Keywords:** Paradox; Christianity; Religion; Ethics; Morals.

---

\* Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Licenciado em Filosofia Faculdade Kurios (FAK), Graduado em Teologia pela universidade INTA,(UNINTA). Graduado em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). Licenciado em Pedagogia. Faculdade Kurios (FAK). Pós-graduado em Ensino de Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). Pesquisador da ética de Soren Kierkegaard e Karl Barth. Na área teológica o interesse se dá pela teologia contemporânea. Na área filosófica o interesse é em Filosofia moderna, Filosofia da arte e no romantismo alemão de Iena. Faz parte do grupo de estudo Ludwing Feuerbach GELF-UFC, Grupo de Estudos Marxistas GEM (UFC), Grupo dos Kierkegaardianos e Grupo de Estudo de Karl Barth. E-mail: [michelplatinir2017@gmail.com](mailto:michelplatinir2017@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

“Contudo, não é necessário pensar mal do paradoxo, pois o paradoxo é a paixão do pensamento, e o pensador sem um paradoxo é como um amante sem paixão, um tipo medíocre” (KIERKEGAARD, 2005, p. 61).

Geralmente nós amamos o que compreendemos, dominamos e criamos. O paradoxo kierkegaardiano tem esse poder de desconstruir a potencialidade antes construída pelo pensar arrogante dos modernos. Todavia, no danês, surge a necessidade de se compreender o paradoxo como um amante que sofre pela amada e não é correspondido por ela. Em outros termos, a ciência sofre para explicar apaixonadamente o todo pela inteligibilidade, inclusive às questões eternas, mas o que recebe em troca não é um amor correspondido, mais sim o paradoxo. Ora, o amante apaixonado sofrerá pelo amor não correspondido pelo (a) amante, e o ser pensante, sofrerá com o advento do paradoxo para a razão humana, isto é, ele tencionará a inteligibilidade contra as paredes do pensamento que tudo quer explicar, mostrando seus limites diante do paradoxo absoluto. Contudo, o mais paradoxal é não pensar negativamente sobre aquilo que impõe limites sobre o pensante, pois é justamente nesse limite imposto ao ser pensante que surge a paixão pelo paradoxo.

### 1 - O PARADOXO ABSOLUTO KIERKEGAARDIANO

O pensar paradoxal é uma paixão que não necessita ser mal compreendida, pois é através dessa paixão que o indivíduo se encontrara com sua derrota epistemológica, “o paradoxo é o limite das relações que um existente mantém com uma verdade eterna essencial” (FARAGO, 2011, p. 168). Sendo assim, a razão humana, sempre irá promover soluções para aquilo que ela não compreende, gerando assim um choque, que propiciará sua queda. “A verdade eterna, essencial, é aquela que se relaciona essencialmente ao existente por ter a ver essencialmente com o existir (visto socraticamente, qualquer saber é contingente, e seu grau e abrangência são indiferentes), é o paradoxo” (KIERKEGAARD, 2013, p. 216). O paradoxo é a fronteira do contraditório para o

intelecto, aquilo que causa espanto, ou seja, ele é o absurdo para a razão, “mas a potência mais alta de qualquer paixão é sempre querer a sua própria ruína, e assim também a mais alta paixão da inteligência consiste em querer o choque, e não obstante o choque, de uma ou de outra maneira, tenha de tornar-se a sua ruína” (KIERKEGAARD, 2005, p. 61-62). O pathos do pensamento é querer compreender o paradoxo, porém, o paradoxo e justamente o limite imposto para inteligibilidade, chegando à compreensão que:

Assim o maior paradoxo do pensamento é querer descobrir algo que ele próprio não possa pensar. Esta paixão do pensamento está, no fundo, presente nele por todas as partes, assim também como no pensamento do indivíduo, na medida em que este, enquanto pensante, não é somente ele mesmo (KIERKEGAARD, 2005, p. 62).

O sujeito sem o paradoxo é um amante sem paixão, um idealista que especula não um sujeito que vive subjetivamente. Diante da letargia existencial devido à supremacia do pensamento abstrato objetivo no seio do cristianismo dinamarquês, Kierkegaard tornar-se-á um moscardo assim como foi Sócrates em seus dias. No *Pós-Escrito às Migalhas Filosóficas*, o pensador dinamarquês utiliza-se do pseudônimo Johannes Climacus para abordar o cristianismo por dois caminhos, o objetivo e o subjetivo. “O problema objetivo seria então: o da verdade do cristianismo. O problema subjetivo é: a relação do indivíduo com o cristianismo” (KIERKEGAARD, 2011, p. 22). A parte dedicada ao problema objetivo, por sua vez, se divide em dois capítulos, sendo o primeiro composto por três parágrafos. Nesse primeiro capítulo, segundo Victor Fernandes (2019, p. 66-67), “trata da consideração histórica do cristianismo, onde a fé estava baseada na certeza que se pode ter da verdade do cristianismo historicamente o que deve passar por sua análise apurada da bíblia, das datações, canonicidade dos textos” (FERNANDES, 2019, p. 66-67).

Em outros termos, nos deparamos com a abolição do paradoxo pela objetividade da história cristã, onde a fé cristã será fundamentada apenas por meio da relação com a tradição e suas doutrinas. Sendo assim, o *Pós-Escrito* criticará a fé cristã baseada nos moldes da objetividade histórica, como expõe Climacus:

Segundo minha ponderação, é mais importante que seja compreendido e recordado o seguinte: que mesmo com a mais estupenda erudição e perseverança, e mesmo se as cabeças de todos os críticos estivessem montadas em um único pescoço, não se chegaria jamais a nada além de uma aproximação, e que há uma discrepância essencial entre isso e um interesse pessoal e infinito na própria felicidade eterna (KIERKEGAARD, 2013, p. 30).

Contudo, o conhecimento da fé cristã baseado na história do cristianismo e das tradições, é um quase, e nunca um fundamento concreto. No pensamento kierkegaardiano, o paradoxo sempre estará posto quando se trata das questões eternas, ou seja, para Climacus, a inerência da Escritura, os dogmas promulgados nos concílios ecumênicos e as doutrinas que nascem desses próprios dogmas, representarão o alicerce das tradições religiosas, como disse Patrick Gardiner (2001, p. 38):

Assim, as doutrinas da queda e subsequente redenção graças À encarnação de Cristo eram suscetíveis de uma interpretação que as mostrava consoantes à noção de Hegel sobre a maneira pela qual o espírito superou as divisões internas, retornando, afinal, a si mesmo e conseguindo satisfação e compreensão completas de sua natureza por parte dos homens. Neste termo, o cristianismo não era, pelo menos nesse termo, uma questão de fé subjetiva ou prática.

As palavras de Gardiner indica-nos a abolição do paradoxo do âmbito do cristianismo, isto é, as contradições que eram inerentes às questões eternas, agora passam a ser compreendidos racionalmente por parte do indivíduo, inclusive o absoluto. Para Kierkegaard, o sistema hegeliano se tornara o grande algoz existencial para o indivíduo cristão, como afirma Pierre Mesnard (2003, p. 42): “na filosofia das ideias puras, onde não há o obstáculo do indivíduo concreto, esta passagem é necessária (aliás no sistema hegeliano tudo obedece à necessidade); não há qualquer dificuldade em passar da compreensão de uma coisa para sua realidade”. O sistema hegeliano suprimiu os paradoxos e o paradoxo absoluto do ponto de vista da religião cristã, esquecendo as palavras de São Paulo na Carta aos Coríntios, que diz que “Ele é loucura e o escândalo” (BÍBLIA SAGRADA, 2018, p. 876). Doravante, toda a contradição que gerava paradoxalidade no pensamento do sujeito em se tratando das questões suprassensíveis,

a cristandade dinamarquesa suprimiu pelo espírito hegeliano, como diz Patrick Gardiner (2001, p. 36):

Em suas filosofias da natureza e da história ele procurava mostrar como o espírito, que originariamente se externava na forma de um campo natural inconsciente, posteriormente foi alcançado uma efetivação gradual de seu caráter fundamental por meio da consciência em desenvolvimento dos seres humanos.

Para Climacus, o pensamento hegeliano por meio do método da objetividade positiva deu à luz a um cristianismo sem paradoxo, em outras palavras, tanto a cristandade dinamarquesa, como o indivíduo com sua subjetividade foram engolidos pelo espírito positivo da fé histórica. Segundo Victor Fernandes (2019, p. 67), “é de fundamental importância frisar que para Kierkegaard, a fé vem como a marca do interesse subjetivo na promessa e que, assim, é pautada pela incerteza, pois na certeza, se obtém conhecimento, e não fé”, e continua: “não adianta estarmos certos cientificamente da verdade do cristianismo ou os termos comprovados porque esse aumento de conhecimento não toca diretamente a fé, que é subjetiva” (2010, p. 67). Em outras palavras, o processo racional do espírito cristão na história, não trará um conhecimento pleno da verdade e nem fundamentará uma fé vivificante na existência, pois, a fé é justamente o contrário da busca, é uma aceitação de total dependência do absoluto. Os cristãos nos moldes Kierkegaardiano, não se prendem a demonstrações científicas contra ou a favor do cristianismo, como diz Johannes Climacus: “ter fé porque se ganhou uma prova objetiva, não é ter fé” (KIERKEGAARD, 2013, p. 27), e complementa: “por esse caminho objetivo, o problema jamais surgirá de formas decisivas, isto é, nem se apresenta, porque o problema reside precisamente na decisão” (2013, p. 29-30). Para Kierkegaard, não há mais paradoxo na concepção do cristianismo devido à outra forma de objetividade e especulação, como afirma dizendo:

A consideração especulativa concebe o cristianismo como um fenômeno histórico; a pergunta sobre a sua verdade significa, portanto, penetrá-lo de pensamento de um tal modo que por fim o próprio cristianismo seja o pensamento (KIERKEGAARD, 2013, p. 55).

Kierkegaard não nega a importância da especulação, o que ele nega e combate é o ponto de vista especulativo interpretado como ponto de vista *sub specie aeterni*. Doravante, a objetividade do pensamento especulativo tenta explicar o paradoxo absoluto pela lógica, sendo que o paradoxo do cristianismo requer do indivíduo não uma explicação absoluta do Absoluto pela dialética hegeliana, como nos diz Ricardo Quadros, “a lógica dialética hegeliana não apenas eliminou os paradoxos, mas também a possibilidade de um paradoxo. Ele esvaziou o conceito de todo seu significado” (GOUVEA, 2009, p. 168). Para o autor de *Ou-ou*, é apenas por meio da fé e da paixão, que o indivíduo será conduzido pela subjetividade a saltar em prol do paradoxo absoluto, como assegura Victor Fernandes (2019, p. 68): “tomado do ponto de vista objetivo, então, o problema do cristianismo sequer emerge para o indivíduo, pois o que o cristianismo pede é a decisão subjetiva de se acreditar no absurdo, pórtico ao qual a via intelectual jamais levará”.

O pensador dinamarquês quer ressuscitar o paradoxo do cristianismo para o sujeito existente, assim como Cristo ressuscitou ao terceiro dia para salvar o indivíduo, pois, “o paradoxo se apresenta quando a verdade eterna e o existir são justapostos, mas quanto mais se marca o existir, tanto mais claro se torna o paradoxo” (KIERKEGAARD, 2013, p. 219). Para Climacus, quanto mais existência, mais paradoxo, logo, o encontro com esse paradoxo constituirá um pathos para o pensamento do sujeito existente:

Sendo, porém, o paradoxo sua paixão, o sujeito deve encontrar alguma forma de lidar com ele, e deve obter a condição para tanto de outras fontes além da razão, quando se dá conta de que deve abraçar o paradoxo para alcançar sua felicidade eterna, o sujeito deve abraçar o paradoxo sem que a razão seja o instrumento desse abraço. Isto não implica necessariamente um sacrifício da razão, mas tão somente um reconhecimento de sua inadequação para recepção do paradoxo (QUAGLIO, 2014, p. 95-96).

Para Kierkegaard, a fé é o meio apaixonado de superar os ditames da especulação racional impostos aos cristãos de sua época. Segundo Gouvêa (2009, p. 172-173):

Há cristãos que gostariam de ignorar a natureza do paradoxo do ensinamento do Novo Testamento. Na verdade, a maioria das pessoas acostuma-se tanto com estas afirmações bíblicas que não conseguem mais perceber a paradoxalidade. Outros, em vez de abraçar o paradoxo preferem procurar possíveis explicações exegéticas, mediações filosóficas, e acomodações teológicas.

Para Gouvêa (2009), na cristandade não há fé no paradoxo absoluto, o que há é a tentativa de provar o paradoxo por um viés filosófico doutrinário, abolindo assim o paradoxo absoluto e sua relação paradoxal com a existência humana. Quando o sujeito se abre por meio da fé para a esfera suprassensível, o indivíduo singular rompe com o espírito da cristandade que se encontra preso à uma verdade especulativa supostamente *sub specie aeterno*, onde não há a presença do paradoxo. Em outros termos, o paradoxo absoluto, é o Deus que oferece através do escândalo que é instante religioso, (o Cristo), a salvação por meio da fé paradoxal, como diz São Paulo na Carta aos Coríntios: “Deus achou por bem salvar os que creem por meio da loucura da pregação” (BÍBLIA SAGRADA, 2018, p. 876). Ora, o paradoxo absoluto é um escândalo, como também a sua palavra para a mente humana. Segundo Farago, “o absurdo é uma categoria que indica um critério negativo daquilo que é superior ao entendimento e ao saber humano” (FARAGO, 2011, p. 168).

Existe uma negatividade para o pensamento diante do paradoxo absoluto, surgindo assim uma limitação para a cognoscibilidade do sujeito, que só poderá ser superado por meio da fé paradoxal, pois diante do paradoxo a competência é a fé, pois apenas a fé é que compreende o paradoxo, como diz Kierkegaard, “a fé começa onde termina a razão” (KIERKEGAARD, 2008, p. 52). As categorias heterogêneas de tempo e eternidade necessitam se encontrar na existência segundo nosso autor dinamarquês, se não, permanecerá apenas como especulação metafísica. Cristo é a síntese entre eternidade e tempo, o totalmente outro como diz Karl Barth, “Cristo, que surge em um plano qualitativamente novo é do ponto de vista lógico e filosófico o paradoxo absoluto, escândalo para o judeu, loucura para o grego, o absurdo para a razão” (FARAGO *apud* KIERKEGAARD, 2011, p. 168).

A contradição da síntese entre temporal e eterno levará o pensante a dois caminhos, ou aceita, ou escandaliza diante do paradoxo. Ou seja, o paradoxo é

um escândalo para a cognoscibilidade humana, onde o maior exemplo paradoxal encontra-se na Escritura sagrada, ora, judeus e gregos caminham com o paradoxo no transcorrer da história primitiva, como nos diz o apóstolo Paulo em (1Co 1.21-24):

Visto que, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, Deus achou por bem salvar os que creem por meio da loucura da pregação. Porque os judeus pedem um sinal e os gregos buscam sabedoria. Mas nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gregos (BÍBLIA SAGRADA, 2018, p. 878).

Diante disso, judeus e gregos tornaram-se escravos do passado, ou como diz Climacus em *Migalhas*, tornaram-se socráticos por meio de uma especulação sub *Specie aeterno*. Os judeus buscavam a verdade nos sinais históricos do passado, já os gregos, a verdade vinha por meio da reminiscência, segundo Vigilius Haufniensis, “o eterno dos gregos situa-se lá atrás, como um passado em que só entra recuando, contudo, este é um conceito totalmente abstrato do eterno” (KIERKEGAARD, 2013, p. 95), sendo assim, os gregos sofrem socraticamente por meio da lembrança de uma vida eternamente passada, com verdades que precisam ser lembradas na temporalidade. A lembrança é a paixão grega por excelência e a prova da existência das almas em um mundo eterno, transcendental, “Sócrates desenvolve então essa ideia, e nela se concentra propriamente o *pathos* grego, já que ela se torna uma prova da imortalidade da alma, prova retrógrada bem entendido, isto é, uma prova da preexistência da alma” (2008, p.28). Ambos, judeus e gregos querem encontrar a verdade no passado. Para os primeiros, a verdade está no passado eterno das lembranças presente dentro de si, para os segundos, a verdade está no legalismo da lei.

## 2 - O PARADOXO ABSOLUTO É O INSTANTE RELIGIOSO PARA O DISCÍPULO

Climacus utiliza-se do instante paradoxal como meio de superar o socratismo judaico e grego, como também o socratismo da cristandade dinamarquesa, condicionada a uma verdade histórica vinculada ao espírito absoluto. Segundo



Gardiner, “não era difícil discernir como a transição fora feita, uma vez que referências as atividades de seres humanos concretos foram substituídas por alusões abstratas de Hegel aos trabalhos do espírito absoluto” (GARDINER, 2001, p. 42). E complementa, “eles haviam sucumbido a uma forma de consciência impessoal e anônima, que impedia sentimentos espontâneos e era destituída de sentimento seguro de auto identidade” (2001, p. 44). Ora, não havia para o indivíduo singular responsabilidade, decisão e sentimentos apaixonados na existência concreta. Segundo Almeida & Valls (Almeida e Valls, 2007, p. 30), “o que havia na cristandade dinamarquesa era a ausência da “reduplicação entre o saber e o agir não que ocorre, mas permanece no campo da conceptualização”

Para Climacus, o indivíduo teria de reduplicar, ou seja, sair da relação com a verdade puramente abstrata, para uma verdade estabelecida na concretude da existência, isto é, onde o sujeito iria comprometer-se com o conteúdo idealístico da verdade cristã, e fosse capaz de relacionar-se com essa verdade subjetivamente, e a reduplicate na sua existência. De agora em diante, o relacionamento com a verdade não pode ser estático ao espírito do passado, mais sim vivo pelo instante, que é o eterno presente, o paradoxo absoluto que se reduplicou. Segundo Karl Barth, Cristo é a reduplicação por excelência, isto é, o logos eterno toca na imanência com seu agir paradoxal, “na ressurreição o novo mundo do Espírito Santo tange o velho mundo da carne. Mas ele o toca, como a tangente toca o círculo sem entrar em contato com ele, e, justamente por não tocá-lo, atinge-o como seu limite, como novo mundo” (BARTH, 2016, p. 75).

Só poderá haver uma reduplicação concreta por meio do Instante paradoxal e Absoluto, pois, segundo Haufniensis, o instante não é um átomo do tempo, mas sim da eternidade, e só a partir desse toque do eterno no tempo que o tempo irá determinar-se como presente, como diz Kierkegaard “e, contudo, é o contrário, pois a segurança da natureza baseia-se no fato que o tempo não tem absolutamente nenhuma importância para ela. Só com o instante inicia a história” (2013, p. 94). Gregos e judeus estão presos há uma verdade estática no passado, sem significado existencial, ou em outros termos, sem o Instante paradoxal. Segundo Haufniensis, não havendo instante, o eterno aparece lá atrás como passado. É como se eu pusesse um homem a percorrer um caminho, porém, não mostrasse um só passo, e de repente o caminho aparecesse atrás dele

como já percorrido, ou seja, se não há o instante, o eterno estará no passado como era para judeus e gregos.

Para Climacus, o paradoxo absoluto é o instante, “uma vez estabelecido o instante, existe o paradoxo; pois na sua forma mais abreviada pode-se denominar o paradoxo o instante” (KIERKEGAARD, 2008, p. 79). Diante disso, o instante tenha um valor decisivo para o sujeito levando-o a propor uma alternativa antitética à alternativa socrática e judaica, “o instante no tempo precisa ter uma significação decisiva, de modo que eu não possa esquecê-lo, em nenhum instante, nem no tempo, nem na eternidade, porque o eterno, que antes não existia, vem a ser nesse instante” (KIERKEGAARD), 2008, p. 32). Isto significa, que aquilo que não existia, vem agora a existir nesse instante, levando Climacus a pergunta, até que ponto pode se aprender a verdade? Ele ainda propõe uma dialética entre a alternativa A e a alternativa B para solucionar o problema da verdade.

Na alternativa A, ou socrática, a verdade já estava pressuposta na subjetividade do indivíduo (gregos), ou na objetividade da lei (judeus). Assim sendo, para os gregos bastava uma recordação, para os judeus, bastava-lhe a obedecer à positividade objetiva da lei. Já na alternativa B, para o pseudônimo Climacus, a verdade poderá ser encontrada pelo indivíduo, na presença do instante, para que o instante tenha um valor decisivo na tentativa de responder à pergunta pela busca da verdade, é necessário sustentar a passagem de um estado a outro. Para Jonas Roos (2019, p. 85), “o instante surge como um “divisor de água” há um antes e um depois do instante”. Como o instante paradoxal é o eterno tocando no tempo, a verdade é vinda de fora como menciona São Paulo na Carta aos Gálatas: “mas quando chegou à plenitude dos tempos, Deus enviou o seu filho, nascido de mulher, nascido sobre a lei, a fim de recebêssemos a adoção de filho” (2018, p.896).

A verdade para Kierkegaard não é um conceito, mas uma pessoa, Cristo, o paradoxo absoluto, que é a suprema verdade que reduplica. Para o autor de *Prática do Cristianismo*, a verdade sai da esfera lógica, e passa a ganhar um estatuto existencial e relacional, tendo como exemplo supremo o paradoxo absoluto. Ora, o indivíduo segundo Climacus, só conseguirá reduplicar o pensar na existência, se formos contemporâneos de Cristo.

### 3 - A DIALÉTICA ENTRE O PARADOXO ABSOLUTO E O DISCÍPULO CONTEMPORÂNEO



“Se o deus, então, não viesse pessoalmente, tudo permaneceria socrático, não obteríamos o instante e seríamos privado de paradoxo” (KIERKEGAARD, 2008, p. 83). Se o Cristo não houvesse se apresentado no século I da era cristã, não haveria nem instante, nem o paradoxo absoluto, pois o mesmo seria suprimido pela revelação histórica, onde o Cristo estaria apenas vinculado há simbolismos apresentado no Antigo Testamento, sem espaço para o paradoxo absoluto no instante. A relação não poderia ser socrática como era no caso dos gregos e judeus, mais sim uma relação concreta, pessoal, onde deus se tornaria homem no tempo. O Evangelho de João demonstra a prisão socrática que os contemporâneos de Jesus estavam, nós somos descendentes de Abraão e nunca fomos escravos de ninguém. Como é que você diz que ficaremos livres? Os descendentes de Jesus estavam presos ao histórico, como os gregos estavam presos a reminiscência, ou seja, ambos não compreendiam que o Cristo, o paradoxo absoluto estava reduplicando-se na concretude do instante, como exemplo de reduplicação:

Este percursor não pode, naturalmente, conhecer nada daquilo que o deus quer ensinar; pois a presença do deus não é, como se sabe, algo contingente em relação ao seu ensinamento, mas é o essencial, e a presença do deus sob forma humana, sim, sob a forma humilde de um servo, é justamente a doutrina, e o deus deve dar ele mesmo a condição de outra maneira o discípulo não poderá compreender coisa alguma (KIERKEGAARD, 2008, p. 84).

O instante é o essencial mais é paradoxal para discípulo. A doutrina socrática das lembranças subjetivas já presente no indivíduo desde a eternidade, como a lei de Moisés para os judeus, ambas, foram abolidas pelo paradoxo absoluto no tempo. Quando o paradoxo eterno toca o tempo no instante, ele se reduplica, isto é, o pensamento preso ao passado se concretiza na ação do tocar o presente e fundamenta-se como solução para os contemporâneos do futuro, os discípulos de segunda ordem, como assegura Climacus:

O deus quer fazer compreender alguma coisa a respeito dele, embora nenhuma tentativa acomodatória de tornar compreensível ajude de modo essencial aquele que não recebe a condição, razão por que tais tentativas só lhe são arrancadas, no fundo, a contragosto, e tanto podem afastar o discípulo quanto aproxima-lo (KIERKEGAARD, 2008, p. 84).

O discípulo contemporâneo só poderá reduplicar o saber revelacional da Escritura na concreção temporal, quando o paradoxo absoluto lhe dá a condição. Todavia, a condição oferecida pelo deus ao discípulo mesmo que limitada, (pois é o paradoxo absoluto que não pode ser compreendido absolutamente pela razão humana), ainda assim é o ponto central para o sujeito reduplicar como Cristo reduplicou no tempo. Em outros termos, se o indivíduo tentar compreender o instante paradoxal apenas historicamente, não seguirá o exemplo de Cristo Jesus temporalmente no instante por amor ao discípulo, “deixemos agora o deus circular pela cidade onde ele apareceu; só o anúncio de sua doutrina constitui sua única necessidade vital, é para ele alimento e bebida; ensinar aos homens é seu trabalho, e o seu repouso é ocupar-se dos discípulos” (KIERKEGAARD, 2008, p. 86).

Para Climacus, o instante paradoxal é a salvação que liberta o discípulo das amarras do socratismo grego e judeu, “que o deus dá junto a condição, isso já expusemos anteriormente como a consequência do instante, e mostramos que o instante é o paradoxal, e que sem ele nós não ultrapassamos a Sócrates, mas sim voltamos a ele. (2008, p. 87), e continua, “para o discípulo contemporâneo toda a questão é a de um ponto de partida histórico” (2008, 87). Para Kierkegaard, a superação do socratismo é pela via socrática, isto é, o Messias prometido desde a eternidade pela Torah para os judeus, e pelo Novo Testamento para os cristãos, agora, está no tempo como paradoxo absoluto, superando o socrático na reduplicação, ou seja, quando o saber histórico ganha vida na plenitude dos tempos. Segundo Climacus:

Um ponto de partida histórico para a sua consciência eterna, também o contemporâneo recebe; pois ele é, com efeito contemporâneo de algo histórico que não quer ser simplesmente instante da ocasião, e este fato histórico que ter para ele um outro interesse além do meramente histórico, que condicionar sua felicidade eterna, sim, se não for

assim, este mestre não será o deus, mas apenas um Sócrates (KIERKEGAARD, 2008, p. 87).

O discípulo de segunda ordem, como diz Johannes, recebe uma consciência eterna pela revelação do instante. O instante paradoxal não quer ser apenas ocasião de lembranças passadas, ele quer ser o mestre paradoxal e eterno que traz a felicidade eterna para o sujeito histórico no presente, como exprimiu Valls e Almeida:

A relação com o absoluto somente pode ocorrer em um tempo: o presente. Quem não se faz contemporâneo com o Absoluto não existe para ele, e, já que Cristo é o Absoluto, vê-se com facilidade que com a relação a Ele não cabe mais do que uma situação: a de contemporaneidade. A encarnação e a contemporaneidade de Cristo não pode ser objeto de estudos histórico, porque Ele não é um produto da história (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 57).

O instante é o presente eterno como diz Vigilius Haufniensis no *Conceito de Angústia*:

Que a verdade eterna veio a ser no tempo, que deus foi gerado, nasceu, cresceu etc., veio a ser como qualquer humano, a ponto de não poder diferenciá-lo de outro ser humano, pois toda possibilidade de reconhecimento imediato é paganismo pré-socrático, e do ponto de vista judeu idolatria (KIERKEGAARD, 2013, p. 221).

Para Vigilius Haufniensis, Cristo é o instante eterno no presente, como é também o futuro por vir na *parousia*, isto é, ele se torna a solução para a angústia estabelecida pelo eterno que se encontra no passado (gregos), como a solução para os judeus, onde o eterno encontrava-se preso nas letras da lei. Sem o instante, não haveria nem passado, nem futuro, haveria apenas ocasiões socráticas. Em outras palavras, o paradoxo absoluto reduplica-se no instante, o eterno toca no tempo e faz do saber histórico até então especulativo, algo existencial.

Para Climacus, ou o instante é o exemplo ou é apenas ocasião. A reflexão sobre o instante eterno operado pela objetividade histórica torna-se um simulacro da reduplicação do Cristo no instante. O saber paradoxal não terá vínculos na plenitude dos tempos, ou nas palavras de Almeida e Valls (2007, p. 55) “a

verdade se torna paradoxo, porque deixa de ser um conceito, para ser identificada com uma pessoa”, o Cristo no instante religioso é o exemplo da reduplicação entre o saber e o agir na existência, superando gregos e judeus, ou em outras palavras, ele superou a verdade entre inteligibilidade e ser. Para Kierkegaard,

Quando a inteligência e o paradoxo se chocam de maneira feliz no instante, quando a inteligência se põe de lado e o paradoxo se entrega; e o terceiro, no qual isto se opera (pois isto não se produz nem pela inteligência, que está despida, e muito menos pelo paradoxo, que se abandona, isto opera-se pois em algo), é aquela paixão a qual agora queremos dar um nome, se bem que não seja precisamente seu nome o que importa. Nós queremos chamá-la de fé. Esta paixão deve ser, pois, aquela condição mencionada e que o paradoxo traz consigo (2008 p. 88).

Quando a razão entende que não compreende o paradoxo absoluto, e as contradições se entregam a um saber, Climacus propõe a paixão da fé como um dom doado pelo paradoxo absoluto ao discípulo. Segundo Jonas Roos, sem a fé enquanto condição para compreender o paradoxo, é um absurdo que o eterno esteja no tempo, ou, na linguagem paulina, frequentemente utilizada como escândalo e loucura (ROOS, p.115). Somente por meio dessa fé paradoxal é que haverá a crença que deus se fez carne e habitou entre nós no instante. Para Climacus, isso não significa que a razão tenha conseguido compreender o encontro do eterno com o temporal em um ser individual, segundo Jonas Roos (2019, p 115), “antes, o modo da relação para com o paradoxo muda e passa a ser concebida primeiramente como uma relação em fé, ou seja, como uma relação existencial”. Acreditamos que o eterno tocou no tempo no instante por meio da fé, como também acreditamos por meio da fé que Jesus reduplicou-se existencialmente nas ruas Galileia, Judeia e Samaria. A fé muda a maneira que o indivíduo olha o instante, ele faz o paradoxo desaparecer abrindo espaço para imitação da reduplicação de Cristo, como expressado por Almeida e Valls (2007, p. 58): “tornar-se cristão na verdade significa fazer-se contemporâneo de Cristo, se assim não for toda essa gritaria de proclamar-se cristão não é mais que demência, ilusão e profanação”.

Para Kierkegaard, só podemos nos tornar contemporâneos de Cristo quando abolirmos a verdade socrática, e reduplicarmos essa verdade na existência, ou como bem ponderou os autores Valls e Almeida (2007, p. 58), “ser contemporâneo é sermos únicos diante de Deus. A verdade enquanto é Cristo não pertence ao caminho da doutrina, mas a dimensão da realização enquanto apropriação da própria verdade”. Ser imitadores de Cristo, não é relacionar-se com uma doutrina histórica como pensavam os dinamarqueses da cristandade. Ser Cristão, para Kierkegaard, é reduplicar na existência o conhecimento da verdade que é o Cristo, e viver essa verdade subjetiva na existência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse breve artigo não visa esgotar idealisticamente a explicação referente ao conceito de Paradoxo Absoluto de Soren Kierkegaard. Nosso maior interesse na produção desse breve artigo é elenca mais uma contribuição categorial para o estudo do autor dinamarquês em solo brasileiro, visto que Kierkegaard ainda é pouquíssimo estudado nas academias de Filosofia e Teologia. A libertação de Kierkegaard das amarras do fideísmo e principalmente da alcunha de pai existencialismo, título esse promulgado pelos autores existencialistas do século XX, como Sartre e Karl Jaspers, nos levarão a ver Kierkegaard como autor autêntico e singular para uma época que evocava o pensamento coletivo e a razão.

## REFERÊNCIAS:

BARTH, K. **A Carta aos Romanos**. São Leopoldo: Editora Sinodal/EST, 2016.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

FERNANDES, Victor Manoel. **Kierkegaard e Hegel: reconsiderando a relação entre o pós-escrito e a ciência da lógica**. São Paulo, SP: Liber Ars, 2019.

GARDINER, Patrick. **Kierkegaard**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. **Paixão pelo paradoxo: Uma introdução a Kierkegaard**. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

KIERKEGAARD, S. A. **O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **Migalhas filosóficas ou um bocadinho de filosofia de João Climacus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pós-escrito às migalhas filosóficas, Vol. I**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MESNARD, Pierre. **Kierkegaard – (Biblioteca básica de filosofia)**. Lisboa: Edições 70, 2003.

PAULA, Marcio Gimenes de. **Socratismo e Cristianismo em Kierkegaard: o escândalo e a loucura**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001.

QUAGLIO, Humberto Araújo. **Fenomenologia da experiência religiosa em Kierkegaard e Rudolph Otto**. São Paulo: Liber Ars, 2014.

ROOS, Jonas. **Tornar-se Cristão**. Paradoxo e existência em Kierkegaard. São Paulo: Liber ars, 2019.